

no sentido do Recife e 455 km no de Salvador na Bahia. Não é preciso, pois, encarecer o que significam para a recuperação econômica de tão vastas regiões e a ligação entre o Norte e o Sul e, portanto, para a unidade nacional êsses milhares de quilômetros de fios transmissores que se estiram, cortando-os em tôdas as direções, pelos campos do Nordeste.

Tendo-se iniciado, com a primeira guerra mundial, de 1914-18, e desenvolvido, em consequência da segunda (39-45) que lhe acelerou o ritmo de crescimento, entrou a indústria nacional, neste último decênio, a ampliar, com a fabricação de aço e de ferro, as bases em que assenta, e a aumentar os seus recursos energéticos para expandir-se por outras áreas do país. Que o Brasil já se encontra em estágio econômico que comporta uma rápida industrialização, parece não haver dúvida e é fato que não tem escapado à observação de eminentes economistas estrangeiros. Certo, ao reconhecê-lo um deles, Yale Brozen, no "roteiro que traçou da industrialização no Brasil", mostra o ilustre professor da Universidade de Northwestern que "a legislação protecionista que presumivelmente tem por finalidade apressar a industrialização, pode, na verdade, retardá-la", quer porque, eliminando a competição, a produtividade diminui (indústria subsidiada, — retardamento de produtividade), quer por se tornarem mais lentos, em consequência da proteção do governo, "o aumento da renda nacional e a velocidade da formação do capital"²⁴. Sendo êste, de fato, o "principal ingrediente para a industrialização, além de um grupo de empresários, ativos e realizadores, tudo o que reduz o capital disponível, atrasa a marcha da industrialização". Se é exato que, sendo êstes os seus principais fatôres, num regime capitalista, devem ter uns e outros "a liberdade de entrar em qualquer área, não importando sua origem, nacional ou estrangeira", e se os imigrantes entre nós, como se verifica nos Estados Unidos, "fornecem uma proporção maior de empresários do que a população nacional", as restrições à imigração e à aplicação de capitais estrangeiros, como a proteção tarifária, podem retardar o processo de industrialização no país. Mas, as duas iniciativas, que já são realizações grandiosas, — a de Volta Redonda, para o desenvolvimento das indústrias pesadas e fortalecimento da estrutura da economia nacional, e a da Usina de Paulo Afonso, para a produção de energia elétrica,

²⁴ Yale Brozen — Roteiro da industrialização do Brasil. Conferência proferida em S. Paulo e publicada, em resumo, na "Fôlha da Manhã", de S. Paulo, de 15 de setembro de 1954.

x já se pode ver pelas notícias em São Paulo, incluindo-se
informações a Petrobras -

religiosos. A religião desenvolve-se livremente, dobrando-se aqui, como por toda parte, às necessidades próprias dessa sociedade nova, de senhores de engenho, sertanejos e pioneiros, e portanto ao gênero de vida que a exploração de um imenso território impõe aos descendentes dos primeiros imigrantes e dos imigrantes novos. Ao contrário, porém, dos Estados Unidos em que o sentimento religioso não parece prender-se de mais ao dogma nem lançar-se aos sonhos místicos, e o clero se ocupou sobretudo de “desenrijar e desanuviar a teologia”, para lhe reter tudo o que impele à ação, como observa *Boutmy*⁵, na sua penetrante análise da psicologia do povo americano, a religião, no Brasil, não assumiu essa feição essencialmente ética e prática que lhe imprimiram, naquele país, de um lado, a severidade ascética e a rigidez de costumes dos puritanos, seus primeiros colonos, e, de outro, a mobilidade e a atividade intensas na obra de colonização. É em todo sistema de vida colonial, escreve *Gilberto Freyre*, “uma religião doce, doméstica, de relações quase de família entre os santos e os homens, que, — das capelas patriarcais das casas-grandes, dos templos sempre em festas, batizados, casamentos, festas de bandeira de santos, crismas, novenas —, presidiu ao desenvolvimento social do Brasil. Essa religião “doméstica, lírica e festiva, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de Nossa Senhora madrinha dos meninos”, essa confraternização de valores e de sentimentos, da terra e dos céus, não se teria realizado aqui se, como diz *Gilberto Freyre*, tivesse dominado a nossa formação social outro tipo de cristianismo, “um tipo mais clerical, mais ascético, mais ortodoxo, calvinista ou rigidamente católico”. A tendência do brasileiro para a dissolução de todas as hierarquias sociais atingiu, modificando-o e enriquecendo-o de ingenuidade e de espontaneidade, o sentimento religioso, com essa aproximação, quase convívio com os deuses que pareciam, como na idade grega, andar sobre a terra, mais humanizados, na intimidade doméstica dos crentes. Ou por força desse sentimento religioso, com sua espontaneidade rica de simpatia humana, ou pela ação da natureza tropical, deprimindo e esmagando o homem, o brasileiro não é um revoltado, mas um resignado, dócil e submisso às fatalidades físicas e morais às quais aprendeu a resistir com coragem e a subordinar-se sem amargura, quando as reconhece superiores aos seus recursos de defesa e de ação.

5 E. Boutmy, *Éléments d'une psychologie politique du peuple américain* (La Nation, la patrie, l'Etat, la religion). Paris, Armand Colin, 1902.

Ele não é um revoltado porque a rebelião é apenas
um movimento inquietamente crítico a que ele
não chegou, porque não foi inserido no processo de
colonização.

ao trabalho cultivado no longo regime de escravidão, é na classe média, toda uma tradição moral da nobreza reinol a que "uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente e até nobilitante do que a luta insana pelo pão de cada dia", a indolência displicente no povo, em geral, não provém antes do hábito de viver com pouco mais do que nada e da consciência da desproporção entre o lucro, sempre escasso, e as duras fadigas para grangeá-lo, entre o esforço despendido no trabalho e o resultado realmente obtido? O fundo do caráter brasileiro, pondera com lucidez *Milton Rodrigues*, "é de uma simplicidade rústica; o meio que o gerou, nos seus primeiros tempos, nem ao rico permitia o conforto, ainda mesmo que lhe concedesse o luxo. Acostumado a isso, ele não tem as necessidades do europeu; e quando a opulência o atinge, envolve-o sem penetrá-lo e ele não sabe como usá-la, passando abruptamente da carência para o exibicionismo e a dilapidação".

Não é, pois, do índio que o brasileiro herdou a imprevidência e a dissipação: ligadas, ao contrário, à constante instabilidade de nossa vida social, acompanham, como caracteres que lhes são próprios, êsses períodos de flutuações econômicas que, abalando fortunas antigas e fazendo surgir novas, convidam à dissipação da riqueza e tendem a substituir pela espera no milagre e nos vaivéns da sorte a confiança na continuidade do trabalho. Essa instabilidade econômica e social, o processo fragmentário de nossa formação por núcleos, desgarrados, sem relações uns com os outros, a descontinuidade dos contatos econômicos e culturais, e a disseminação extrema da população, que é tão nociva à intensidade da vida espiritual explicam também a atitude do brasileiro em face da cultura, geralmente considerada entre nós, não como uma necessidade prática ou um valor moral, mas como um sinal de classe ou de distinção. Não é que faltasse ao brasileiro interesse pela cultura: a sua sensibilidade delicada e excitável, a sua inteligência vivaz, mas superficial, a sua facilidade de adaptar-se a um *minimum* de vida material e a sua própria tradição religiosa não só lhe despertaram uma noção viva da subordinação dos valores materiais aos valores morais, mas lhe trouxeram uma forte atração pelas coisas do espírito. Mas a nossa cultura é, geralmente, uma cultura literária de superfície, feita, como observa *Milton Rodrigues*, "para preencher os ócios de desocupados, cultura que não envolve os sentimentos nem leva às convicções fortes". Não é somente a tradição secu-

x mais uma vez a experiência de uma
crítica - a falta de "diálogo" do
homem brasileiro.

Capítulo V

PSICOLOGIA DO POVO BRASILEIRO

entre págs. 190 e 191

- (75) Índios / Negro / Mestiço.
- (76) Índios Maxacaris e Camacás.
- (77) Fernão Dias Pais / Antônio Raposo Tavares.
- (78) "Jantar" / "Uma senhora brasileira na intimidade".
- (79) Família de fazendeiro / Uma senhora indo à missa.
- (80) Um funcionário do governo com sua família / Habitantes de Minas.
- (81) Costumes de São Paulo.
- (82) Família de Fazendeiro indo à igreja / Sala de recepção de um solar colonial, Vale do Paraíba.
- (83) Jangadeiros recolhendo a embarcação / Vaqueiro do Nordeste.
- (84) Vaqueiro da Ilha de Marajó.
- (85) Outro tipo de vaqueiro da Ilha de Marajó.
- (86) Vaqueiros de Goiás / Colona. Têmpera de Portinari.
- (87) Tipo de Gaúcho.
- (88) Vaqueiro de Andradina, Estado de São Paulo.

Os desenvolvimentos das cidades e dos mais importantes fatores que contribuem para a produção do fenômeno de cultura - 30-

A educação como força e mecanismo transformadora de cultura - 35

Considerações importantes sobre a posição da América Latina e a necessidade de sua integração para autenticar - 48-9

Os fatores geográficos explicando a dispersão populacional - 55

População de Portugal ao tempo da descoberta - 59

A colonização da grande propriedade e o indigenismo no Brasil - 82

A expansão territorial americana, ordenada e contínua, acompanhada de desenvolvimento econômico e a nova, desordenada e sem fim desordenamento - 88

228
O Brasil moderno e a monocultura latifundiária continuaram na economia do café - 9
A estrutura política da metrópole estrangulando entre outros fatores, o desenvolvimento da manufatura - 94

Os primeiros passos da nossa industrialização - 101

O primeiro impulso industrial de Minas - 101.2
A falta de combustíveis, na dificuldade de acesso
as minas de ferro, na escassez de mão de obra,
nas grandes distâncias e na extrema inefi-
ciência dos meios de transporte, mais do que em
outros fatores, inclusive a política fiscal, se con-
taram as causas do estrangulamento da nossa
industrialização no Império - 102

A necessidade de nossa indústria pesada e
básica, rompendo com que superávamos o resto
do de nossa economia de países de sobremão - 104
Condições favoráveis à rápida industrializa-
ção do país. Opções de economistas ameri-
canos e propósito da legislação protetora
da indústria brasileira - aspecto positivo e
negativo dessa legislação - 109

O surgimento de novos centros populacionais,
à base de interesses exploratórios do coloniza-
dor. Nos houve alterações com a mudança
de política de capitais para poderes locais
singulares, porém, neste período, as principais ci-
dades: Salvador, Rio de Janeiro, etc. - 117
Predomínio esmagador dos latifundiários sobre
os centros urbanos - 120

"A necessidade de concentrações, locais vastos do-
mínios, de uma população numerosa; as grandes
distâncias, que separavam uns dos outros, e a concen-
tração de todas as populações industriais nos en-
genhos já numerosos, que tudo possuíam e onde
tudo se fabricava, nos momentos da vida da
colônia colonial, na justa observação de
"Cidade Viena", um aspecto ganglionar e dis-
persos, de extrema concentração, mas estran-
gulavam, no seu impulso inicial, as aglo-
merações urbanas que passaram a graui-
tar na órbita e na dependência dos
grandes proprietários de terras." - 120

5 Ruínas das cidades - 121

expansão territorial, da conquista e do povoamento. O XVIII foi o do declínio do patrimonialismo no norte, e o movimento das bandeiras do sul, o século do desenvolvimento das cidades - 126

Não ter sido propriamente o criador de grandes núcleos urbanos, mas, de estímulo e impulsionador da população nas cidades costeiras, levando ao comércio de exportação etc. Esses centros urbanos cresceram sobretudo com o declínio gradual da classe senhoral - 129

A mobilidade econômica de novas populações promovida pelas mudanças de plantação econômica, pater prejudicial ao desenvolvimento de centros urbanos - 130

A ênfase da urbanização nos séculos XVIII e XIX - 139

As primeiras tentativas de colonização excitadas pelas incursões de franceses - 140

As dificuldades iniciais ao estabelecer-se as colônias - a distância entre a nova terra e Portugal, o estígio elementar de cultura dos habitantes, permissões

O totalitarismo do capitão-mor, donatário de vastas terras - 149

O governo geral como decorrência do modelo das capitânias bem como da necessidade de maior defesa da colônia - 149-50

O espírito de dominação persistiu com as condições econômicas, geográficas e políticas no sistema de governo - geral importante observação - a estrutura política

política era assentada sobre nenhuma base estrutural sólida. Havia uma hierarquia superposta da estrutura política - 151

O Senhor de San Paulo e o seu poder - 153

A posição de Bernardo Pereira de Vasconcelos, liberais, mas lutando contra a liberdade - 165

8
A experiência política das sucessivas
eleições - 167-8

O novo preconceito contra o trabalho - 168

"Mas, tanto o império, que não pôde subtrair
as terras do bloqueio liberal como a República
Federalista, que lhe sucedeu, eram super-estru-
turas de calçadas em modelos teóricos por
elite sem povo e sem organizações da opinião
pública, minadas pelas lutas partidárias, políticas
militares, e emperradas pela burocracia de pro-
prietários, que tornava laborioso o seu processo de
adaptação às formas e às condições da vida social
na pg 172, transcrever o trecho que começa com a pala-
vra mas e termina com nativos.

Transcrever na pg 178 das palavras: os grandes poderes
até preventivos.

Transcrever da pg 175 a partir das palavras que
idênticos até, na pg 176, a palavra nacional.

O processo de urbanização iniciado em 1920
e seus resultados - 176-7

Considerações interessantes na pg 182 -

Transcrever na pg 183 desde: O poder político
até vida pública - (Apoligos participantes do povo - 184)

Transcrever na pg 185 de certamente até nação
a predominância, no caráter brasileiro, do afetivo, do
irracional e do instintivo, de que deriva uma afec-
to emocional e do irracional nos atos de inteli-
gência. O compromisso de nossos atos em todos
planos demandados dessa nota. - Considerações nu-
bras e issi respeito 195-6-7

Para nós, este problema se acha articulado então
de nossa experiência democrática, de que resulta
comportamento que brasileiro, com os movimentos
assistencializações. Faltem, nos, realmente, o diálogo. O que
mas aconteceu nos Estados Unidos.

Transcrever na pg 203 desde Essa instabilidade até
distinções.

Transcrever a partir na pg 206 de mas até no 207 sentido -

O individualismo, o fortuitarismo e a falta de con-
sciência no brasileiro. 207

Transcrever na pg 209 a partir de a função até ignotismo